



ILAN BRENMAN

A COLECCIONADORA DE PEDRAS

-
- Leitor em processo – 2º e 3º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Tom Nóbrega

De Leitores e Asas

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*“Andorinha no coqueiro,
Sabiá na beira-mar,
Andorinha vai e volta,
Meu amor não quer voltar.”*



Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental têm como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a estas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que devessem ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que está a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “*não quer voltar*”. Se todos estes elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,
e que o sabiá está na beira-mar.
Observo que a andorinha vai e volta,
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” através da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos. Os horizontes de um leitor e de outro podem estar mais ou menos próximos. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “*meu amor não quer voltar*”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “*quer*” voltar? Repare que não é “*não pode*” que está escrito, é “*não quer*”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou. Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira, etc. O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.”
A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana (37ª edição, 2001), Leonardo Boff, Editora Vozes, Petrópolis.


Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom mais feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.




DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA


UM POUCO SOBRE O AUTOR

 Contextualiza-se o autor e sua obra no panorama da literatura para crianças.

RESENHA

 Apresentamos uma síntese da obra para permitir que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa considerar a pertinência da obra levando em conta as necessidades e possibilidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

 Procuramos evidenciar outros aspectos que vão além da trama narrativa: os temas e a perspectiva com que são abordados, certos recursos expressivos usados pelo autor. A partir deles, o professor poderá identificar que conteúdos das diferentes áreas do conhecimento poderão ser explorados, que temas poderão ser discutidos, que recursos linguísticos poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora do aluno.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Ao ler, mobilizamos nossas experiências para compreendermos o texto e apreciarmos os recursos estilísticos utilizados pelo autor. Folheando o livro, numa rápida leitura preliminar, podemos antecipar muito a respeito do desenvolvimento da história.

As atividades propostas favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.

- ✓ Explicitação dos conhecimentos prévios necessários para que os alunos compreendam o texto.
- ✓ Antecipação de conteúdos do texto a partir da observação de indicadores como título (orientar a leitura de títulos e subtítulos), ilustração (folhear o livro para identificar a localização, os personagens, o conflito).
- ✓ Explicitação dos conteúdos que esperam encontrar na obra levando em conta os aspectos observados (estimular os alunos a compartilharem o que forem observando).

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos significados do texto pelo leitor.

- ✓ Leitura global do texto.
- ✓ Caracterização da estrutura do texto.
- ✓ Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.

c) depois da leitura

Propõem-se uma série de atividades para permitir uma melhor compreensão da obra, aprofundar o estudo e a reflexão a respeito de conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como debater temas que permitam a inserção do aluno nas questões contemporâneas.

- ✓ Compreensão global do texto a partir da reprodução oral ou escrita do texto lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- ✓ Apreciação dos recursos expressivos mobilizados na obra.
- ✓ Identificação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- ✓ Explicitação das opiniões pessoais frente a questões polêmicas.
- ✓ Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar ou para a produção de outros textos ou, ainda, para produções criativas que contemplem outras linguagens artísticas.

LEIA MAIS...

- ✓ do mesmo autor
- ✓ sobre o mesmo assunto
- ✓ sobre o mesmo gênero

ILAN BRENMAN

A COLECCIONADORA DE PEDRAS

● Leitor em processo — 2º e 3º anos
do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br.

RESENHA

Enquanto algumas crianças costumam olhar para o alto, Vivi está sempre com os olhos voltados para baixo. A verdade é que nada lhe fascina mais do que encontrar novos itens para a sua sempre renovada coleção de pedras. A garota se apaixonou por esse mundo de criaturas

silenciosas depois que o pai lhe contou o quanto de memória secreta estava guardada debaixo da superfície sólida: afinal, as rochas são uma das coisas mais antigas da Terra – algumas delas foram pisadas até mesmo pelos extintos dinossauros. A partir desse episódio, Vivi se mostra sempre atenta em busca de pedras onde quer que seja: praia ou montanha, lago ou neve. É possível encontrar pedras fascinantes tanto em lugares próximos, como o pátio da escola ou o parque do bairro, quanto em lugares distantes, como desertos e cavernas.

Vá para onde for, Vivi leva sempre pedras nos bolsos: há quem estranhe, mas seus verdadeiros amigos e os familiares próximos já estão acostumados ao tempo, cuidado e paixão que a menina dedica à sua coleção. Conviver com uma colecionadora de pedras tem suas vantagens: afinal, quem mais podia saber qual a pedra certa para jogar amarelinha? Para proteger do vento os papéis do escritório? Para aquecer suavemente nossas costas em um dia de exaustão?

No delicado *A colecionadora de pedras*, Ilan Brenman nos convida a direcionar os olhos para baixo, como a protagonista, e dar-nos conta da presença das pedras, essas testemunhas silenciosas do passado que costumam atravessar o nosso caminho, sem alarde, todos os dias. Dedicado aos colecionadores, o livro nos lembra que colecionar pode ser uma maneira de conhecer – uma lenta aprendizagem que depende de uma escuta atenta às especificidades únicas de cada item da coleção. Colecionar é, afinal, uma prática não utilitária e, por isso, só pode ser efetiva se for movida por alguma espécie de paixão. Atentar para as muitas particularidades, camadas e nervuras das pedras é lembrar que o planeta possui uma história muito mais longa do que aquela que podemos formular com palavras.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: conto infantil.

Palavras-chave: coleção, Terra, observação, curiosidade.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Geografia.

Competências Gerais da BNCC: 1. Conhecimento, 6. Trabalho e projeto de vida, 9. Empatia e cooperação.

Temas contemporâneos tratados de forma transversal: Educação ambiental, Vida familiar e social, Trabalho.

Público-alvo: Leitor em processo (2º e 3º anos do Ensino Fundamental).

PROPOSTA DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa do livro, que contém uma garota olhando atentamente para uma pedra, com o auxílio de uma lente de aumento. Chame atenção para as pedras que aparecem nas estantes e molduras, cuidadosamente organizadas e acompanhadas por

etiquetas que não podemos ler. Que tipo de informações podem estar contidas nelas?

2. Leia com a turma o texto da quarta capa. Proponha que respondam às primeiras perguntas levantadas pelo texto: será que algum deles já teve uma coleção? De quê? Se possível, convide algum dos alunos a apresentar sua coleção para o restante da turma.

3. Ainda em relação ao texto da quarta capa, estimule as crianças a levantar hipóteses a respeito do desenrolar da narrativa. O que será que pode ter levado Vivi a se tornar uma colecionadora de pedras? Em que situações a menina pode ter sido capaz de ajudar seus amigos e parentes por sua proximidade com essas criaturas do mundo mineral?

4. Proponha aos alunos que, durante uma semana, procurem coletar diferentes pedras que encontrem nos lugares que frequentam no seu cotidiano para trazê-las para a classe.

5. Leia com os alunos as biografias de Ilan Brenman e Beatriz Castro, nas duas últimas páginas do livro, para que saibam um pouco mais a respeito da trajetória do autor e da ilustradora. Estimule-os a visitar o site de Brenman: www.bibliotecailanbrenman.com.br.

6. Veja se as crianças notam as fotografias de pedras de muitas cores, transparências e texturas que aparecem na mesma página da seção *Autor e obra*, bem como as legendas que as acompanham. Chame atenção para a observação que aparece no pequeno box do lado direito, na parte inferior da página, que esclarece que o autor e sua família sempre respeitam as normas dos parques ecológicos que não permitem a retirada de pedras do local.

Durante a leitura

1. Ao ler os parágrafos das páginas 5 e 25, que contextualizam todo o restante do livro, estimule as crianças a verificar se as hipóteses que construíram a respeito das razões que levaram Vivi a colecionar pedras e das formas pelas quais os itens da coleção se mostraram úteis para seus amigos e familiares se confirmam ou não.

2. Veja se os alunos percebem como, nas páginas duplas que vão da página 6 à página 23, o livro é, acima de tudo, visual: encontramos, em letras maiúsculas rodeadas por uma elipse branca, o nome de um dos lugares em que a garota encontra pedras (praia, caverna, parque etc.), enquanto a ilustração que ocupa ambas as páginas mostra, em detalhes, o lugar mencionado no texto e a menina interagindo com uma pedra local.

3. Ao se debruçar sobre as páginas 26, 27 e 28, chame a atenção para a estrutura que se repete a cada página: a) o texto, iniciado por um travessão, reporta um pedido de um amigo ou conhecido da protagonista, especificando o tipo de pedra de que necessitam – *Vivi, preciso de uma pedra _____ mas que _____*; b) a ilustração revela quem é o personagem que faz o pedido e a situação em que pretende utilizar a pedra (para jogar na janela de alguém, para servir de peso para papéis no escritório, para fazer terapia relaxante).

4. Diga às crianças que prestem atenção nos detalhes das pedras com que Vivi interage nas ilustrações: qual é o seu tamanho? Textura? Cor? Trata-se de uma só pedra ou mais de uma?

5. Para onde cada um dos personagens está olhando? Veja se as crianças notam como, na maior parte das ilustrações, a protagonista aparece olhando para baixo.

Depois da leitura

1. Proponha aos alunos que tragam para mostrar uns aos outros as pedras que coletaram durante a semana. Peça que cada um deles procure uma maneira de organizar e classificar as pedras que encontrou, usando etiquetas como as da menina na capa do livro.

2. Em que outras situações as pedras de Vivi poderiam ser úteis? Solicite aos alunos que imaginem três situações diferentes, façam um desenho e completem de três formas diferentes a estrutura das frases das páginas 26 a 28: – *Vivi, preciso de uma pedra _____ mas que _____.*

3. Para que os alunos reflitam um pouco a respeito do ciclo das rochas, conceito básico de geologia que corresponde às transformações das rochas através do tempo geológico da história do planeta, assista com eles à animação disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ed8vc0GpMhg>> (acesso em: 5 mai. 2020). Se desejar aprofundar o assunto, vale a pena assistir com as crianças ao vídeo *Tipos de rochas*, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u4rV2l66Wr8>> (acesso em: 5 mai. 2020).

4. Um dos mais célebres poemas de Carlos Drummond de Andrade versa sobre pedras: leia com os alunos o poema *No meio do caminho* e em seguida converse com eles sobre o que o poeta parece sentir a respeito dessa *pedra no caminho*?. Certamente, não o mesmo entusiasmo colecionador de Vivi. Veja se as crianças percebem que essa pedra no caminho pode significar os muitos e complexos obstáculos que podemos encontrar na busca de realizar as coisas que pretendemos.

5. Já que estamos falando de pedras, escute com os alunos a canção *Águas de março*, de Tom Jobim, considerada uma das melhores canções da música brasileira, na interpretação sensível de Tom Jobim e Elis Regina. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BnB1G63XvCQ>> (acesso em: 5 mai. 2020).

6. O interesse pelas pedras é antiquíssimo e remonta a tempos imemoriais. Existem, inclusive, misteriosos círculos de grandes pedras criados por civilizações milenares para observar os astros: Stonehenge, na Inglaterra, é um exemplo bastante conhecido. Mas o que pouca gente sabe é que existe, no Amapá, uma Stonehenge brasileira. Para saber mais a respeito, leia com os alunos a reportagem disponível em: <<http://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2017/01/misterioso-stonehenge-da-amazonia-intriga-pesquisadores-do-amapa.html>> (acesso em: 5 mai. 2020).

7. Há coleções que se tornam pontos de referência para uma comunidade: o museu, afinal, é uma instituição criada para abrigar uma coleção ou acervo. Que museus existem na sua cidade? Quais despertam maior curiosidade nas crianças? Se possível, organize uma visita da turma a algum deles.

8. Proponha aos alunos que, em duplas, imaginem e escrevam a história de uma criança que coleciona alguma outra coisa. O que despertou seu interesse por esses objetos/seres? Onde e como costuma encontrar os itens da sua coleção? Qual a opinião de seus amigos e parentes próximos a respeito da sua coleção?

LEIA MAIS...

DO MESMO AUTOR E SÉRIE

- *A dobradura do samurai*. São Paulo: Moderna.
- *O pó do crescimento*. São Paulo: Moderna.
- *O mistério de Daniel*. São Paulo: Moderna.

DO MESMO GÊNERO OU ASSUNTO

- *Fada Cisco Quase Nada*, de Sylvia Orthof. São Paulo: Ática.
- *Aqui, bem perto*, de Alexandre Rampazo. São Paulo: Moderna.
- *Sua Alteza, a Divinha*, de Ângela Lago. Belo Horizonte: RHJ.
- *A Máquina de Retrato*, de Lúcia Hiratsuka. São Paulo: Moderna.
- *Eu Acredito*, de David Machado. São Paulo: Salamandra.



LEITURA EM FAMÍLIA

A leitura, quando não é estimulada no ambiente familiar, acaba sendo percebida pelas crianças como uma prática essencialmente escolar. No entanto, estudos revelam que, se pais, avós, tios, padrinhos leem em voz alta com os pequenos e conversam a respeito do conteúdo lido, essas vivências ajudam as crianças a gostar de livros, aguçam a criatividade e diversificam sua experiência de mundo.

É por acreditar que a leitura deve ser vivenciada regularmente não apenas na escola que a Moderna desenvolve o programa "Leitura em família", para proporcionar uma interação cada vez maior com os filhos e se integrar mais com a escola na missão de educar.

No final do livro, é possível encontrar o *link* com sugestões para aproveitar o máximo desta obra em família.

Reforce essa ideia com a família de seus alunos!